

DOSSIÊ – EM TORNO DA (RE)TRADUÇÃO DOS CLÁSSICOS



MAURI FURLAN

Distintos temas concernentes à tradução dos clássicos são abordados nos cinco textos que formam este dossiê “Em torno da (re)tradução dos clássicos”, e constituem em seu conjunto *um programa abrangente do processo da tradução*: 1) uma reflexão sobre um novo paradigma para a tradução, 2) a busca pela forma artística que plasma a tradução, 3) o estudo minucioso da matéria a ser traduzida, e 4) problemas relativos à publicação da tradução dos clássicos.

Toda tradução consciente do seu processo operacional abarca sempre alguma reflexão sobre concepção e prática tradutivas utilizadas.

A tradução, em sua história no Ocidente, se nos mostra como a prática, primeiramente, do traduzir a *palavra* como unidade de sentido, depois, a *frase* como unidade de sentido, e, atualmente, começa a entender-se como a prática do traduzir o *texto* como unidade de sentido. E este é o novo paradigma, que nos instiga a repensarmos distintas implicações e resultados no processo da tradução. Tal pensamento revela-se ousado quando nos damos conta do esforço que requer para abandonarmos aquelas concepções tradicionais que, dissociando forma e conteúdo, atribuem ao sentido uma primazia absoluta, porque o crêem imanente, imutável, ahistórico. No entanto, conceberemos a tradução de modo muito diferente daquele expresso no infame adágio *traduttore traditore* quando entendermos a historicidade do sentido, a primazia do discurso sobre a da língua, a existência do sujeito tradutor. Este novo paradigma vem sendo proposto por teóricos como Henri Meschonnic e Antoine Berman, entre outros, e é aqui esboçado por Mauri Furlan, em “Retraduzir é preciso”. Uma das contribuições desta reflexão é, pois, a chamada da atenção para a possibilidade de práticas tradutivas distintas e mesmo algo opostas às tradicionais.

Esta nova concepção da tradução não é, ainda, consenso e prática generalizada entre nós, mas o fato de existir já nos situa num entremeio histórico de duas posições, e, assim, podemos também continuar a pensar a tarefa da tradução sob uma concepção tradicional.

Há de dedicar-se o tradutor ao estudo do estilo do autor primeiro, da estética do texto fonte e das possibilidades para sua reprodução ou reconstrução no texto traduzido.

Uma preocupação claramente presente entre os tradutores contemporâneos brasileiros dos clássicos é a preservação, no texto traduzido, da arte encontrada no texto fonte, o cuidado com a forma artística produzida na tradução e sua relação com o original.

Carlos Alberto Nunes, um dos mais renomados tradutores brasileiros de obras clássicas, com suas traduções poéticas em versos com hexâmetros datílicos, tem feito escola, e sua obra vem sendo revisitada e estudada com renovado interesse e admiração – a *Scientia Traductionis* publicou em sua edição de n.º 10 (*Textos Clássicos & Tradução*, 2011) um dossiê sobre “Tradução de Poesia”, que exemplifica bem essa questão. Assim, Everton Natividade apresenta agora “O último pé e a cesura nos versos núnicos e as *Púnicas* de Sílio Itálico”, onde trabalha “possibilidades de formação do último pé e as ocorrências de cesuras nos chamados versos núnicos, uma transposição do hexâmetro datílico latino utilizada por Carlos Alberto Nunes nas suas traduções de Homero e Virgílio”. Considerados este tradutor e seus versos um marco na tradução brasileira dos clássicos, pode-se, pois, estudar “O hexâmetro dactílico vernáculo antes de Carlos Alberto Nunes”, como o fazem João Ângelo Oliva Neto e Érico Nogueira, apresentando uma breve história do hexâmetro datílico e uma “reflexão sobre os princípios métrico-prosódicos que têm orientado a aclimação desse metro ao português”.

Além do zelo dedicado ao estilo, o tradutor necessariamente deve atentar para o conhecimento da matéria que traduz, da língua em que foi escrito o texto primeiro, e da língua em que é escrito o texto que traduz: regras basilares da tradução que vêm sendo apresentadas desde o século XIII, sistematizadas primeiramente por Roger Bacon.

Visando a explicitar algumas dificuldades suscitadas na tradução do *Crítias* de Platão, mormente relativas à expressão “*tò théatron*”, é que Alice Haddad constrói “O curioso público (*théatron*) silencioso do *Crítias*”. Através de seu trabalho, Haddad transmite ao leitor não apenas um método argumentativo e elucidativo de sua questão central, mas também o exercício ao qual o tradutor frequentemente se obriga na investigação transtextual para uma compreensão textual.

Uma tradução se efetiva finalmente ao ser dada a conhecer aos leitores, e um dos meios para isso é sua publicação editorial.

Em “Os clássicos em publicação – Mestrado em Estudos Editoriais”, João Manuel Nunes Torrão apresenta o Mestrado em Estudos Editoriais, criado na Universidade de Aveiro, Portugal, e relata problemas específicos relacionados com a publicação de traduções bilíngues e de edições críticas.

Os clássicos – primeiramente os latinos e os gregos – vêm sendo traduzidos e retraduzidos desde a Idade Média, e mediante todos os métodos possíveis, de forma literal ou literária, livre, adaptada, imitada, emulada, etc. A retradução moderna dos clássicos, observa Berman (1985[2012:159]¹) é, pois, uma *memória repatriante*, uma vez que dominaram fortemente nossa criação literária ocidental. E, a cada retradução, podem sempre rejuvenescer nossa língua e se nos apresentarem como obras, como clássicos em tradução.

Os trabalhos publicados nesse dossiê, excetuando o de Everton Natividade, são produções originariamente apresentadas no *I Congresso Luso-Brasileiro Traduzir e Publicar os Clássicos*, realizado na Universidade de Coimbra, em novembro de 2012.

Mauri Furlan
maurizius@gmail.com
Prof. Dr., Universidade Federal de Santa Catarina

¹ BERMAN. Antoine. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain / A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. 2ª ed. Tubarão: Copiart, [1985] 2012.